

## POÉTICAS DO OLHAR: UMA PRÁXIS PEDAGÓGICA A CONTRAPELO DE CAPTURA DO MUNDO<sup>1</sup>

Dilson Miklos<sup>2</sup>

### Resumo

O artigo apresenta um recorte da pesquisa em curso no doutorado e integra uma das ações desenvolvidas no âmbito do Projeto Arqueologia de Saberes, Imagens e Afetos, uma experiência que se concretiza no espaço da disciplina Arte e Educação, do curso de Pedagogia do Instituto Superior do Rio de Janeiro (ISERJ). “As lentes do mundo: *narrativimagens*” nomeia o percurso a partir do encontro com o documentário *O Sal da Terra, Uma viagem com Sebastião Salgado*, de Wim Wenders e Juliano Ribeiro Salgado. As *narrativimagens* – imagens e narrativas – expressam uma proposta político-pedagógica que revela uma diversidade de olhares e capturas simbólicas, e as presenças de Walter Benjamin e Paulo Freire iluminam o percurso, possibilitando uma leitura que evidencia uma estética do cotidiano.

**Palavras-chave:** Walter Benjamin. Paulo Freire. Sebastião Salgado. Formação inicial de professores e imagem.

## POETICS OF THE EYE: A PEDAGOGICAL PRAXIS AGAINST THE TRAP OF THE WORLD

### Abstract

The article presents a review of the current research in the doctorate and integrates one of the actions developed in the scope of the Project Archeology of Knowledge, Images and Affects, an experience that materializes in the space of the discipline Art and Education, of the Pedagogy Course of the Higher Institute

<sup>1</sup> As reflexões do artigo foram apresentadas no evento acadêmico, *Encontros: Fotografia, Cinema e Arte Digital*, edição 2017, em Pirenópolis, Goiás, e está publicada parcialmente em seus anais.

<sup>2</sup> Jornalista, professor do curso de Pedagogia do Instituto Superior de Educação do Rio de Janeiro (ISERJ), doutorando do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (PPGEdu/UniRio), pesquisador do Grupo de Estudos e Pesquisa: Formação de Professores, Currículo e Pedagogias Decoloniais (UniRio) e mestre em Ciência da Arte (PPGCA-UFF), [dilson.miklos@gmail.com](mailto:dilson.miklos@gmail.com),

of Rio de Janeiro (ISERJ). "The lenses of the world: narratives" names the route from the encounter with the documentary *The Salt of the Earth, A trip with Sebastião Salgado*, by Wim Wenders and Juliano Ribeiro Salgado. The narratives – images and narratives – express a political-pedagogical proposal that reveals a diversity of looks and symbolic captures, and the presences of Walter Benjamin and Paulo Freire illuminate the course, enabling a reading that shows an aesthetic of daily life.

**Keywords:** Walter Benjamin, Paulo Freire, Sebastião Salgado, initial teacher training and image.

*Ninguém liberta ninguém, ninguém  
se liberta sozinho: os homens se  
libertam em comunhão.*

Paulo Freire

### **Um caminho, uma clareira**

O artigo que se coloca em movimento de abertura é a expressão da presença, atuação e resistência do sensível no espaço de formação inicial de professores, compreendendo que aquela é um campo inserido na grande Arte, mas que também o extrapola à medida que percebemos se dar a experiência estética na superfície do mundo. É uma pesquisa em curso no doutorado que se nutre de um cotidiano institucional capturado e investigado nas suas entrelinhas. Para ler essa geografia multifacetada e caleidoscópica, dois pensadores – Walter Benjamin e Paulo Freire –, notadamente “libertários” e inaugurais na produção de ideias e de captura do real, estarão conosco abrindo clareiras que proporcionem outras conexões, diálogos e sentidos de uma *poiésis* de encantamento, descoberta e de resistência aos tempos que demasiadamente se mostram obscuros.

Escovar a história a contrapelo (BENJAMIN, 1994). A proposição apresentada pelo pensador marxista alemão nas *Teses sobre o Conceito de História*, publicadas após

sua morte, em 1940, significa a recusa em acreditar na ilusão do progresso. É contra a concepção linear do progresso – ideia cara à Filosofia das Luzes – que o messianismo benjaminiano é dirigido. Em verdade, ele lança a sua crítica à crença confortável num progresso contínuo, infinito, automático, fundado apenas na acumulação quantitativa. Pensar, portanto, a educação com Benjamin e Freire é olhar o mundo e os acontecimentos ao contrário, ler a história e a educação a contrapelo, ou seja, na direção oposta à determinada.

A tarefa do historiador materialista benjaminiano é garimpar e restaurar pequenas reminiscências, seguir rastros e revirar escombros, lançar novas luzes que possam ressignificar o passado a ponto de contar outra(s) história(s). As ideias encarnadas nesse ensaio seguem o *modus operandi* do historiador materialista, tal qual Walter Benjamin o apresenta nas *Teses*: “O cronista que narra os acontecimentos, sem distinguir entre os grandes e os pequenos, leva em conta a verdade de nada do que um dia aconteceu pode ser considerado perdido para a história” (1994, p. 223).

É esta concepção de pensamento que ancora o Projeto Arqueologia de Saberes, Imagens e Afetos, um grande guarda-sol que abriga as *práxis de sensibilidades* que se constituem em atos pedagógicos de resistência ao silenciamento da reflexão, de valorização da potência instauradora de sentidos e promotora de subjetividades, fluxos de imagens e objetos, narrativas escritas e orais construídas no tempo e no espaço da disciplina Arte e Educação, do curso de Pedagogia, do Instituto Superior de Educação do Rio de Janeiro (ISERJ).

### **As Lentes do Mundo: *narrativimagens*<sup>3</sup>**

No primeiro semestre de 2016 fui surpreendido por uma emoção perturbadora e um impacto ético e político proporcionados pelo documentário “O Sal da Terra, Uma viagem com Sebastião Salgado”, de Wim Wenders e Juliano Ribeiro Salgado. Ali, experimentei a jornada de um olhar que se debruça a desnudar o mundo na sua

---

<sup>3</sup> Conceito que propõe a fusão entre a produção escrita e imagética, pois considera que ambas, nessa experiência, são indissociáveis.

tragédia e no seu encanto. Diante do impacto do documentário, que narra o deslocamento poético, e das questões que mobilizam a captura do instante fotográfico de Sebastião Salgado, apresentei para duas turmas (manhã e tarde), no contexto da disciplina Arte e Educação, a produção fílmica não ficcional. Após a exibição ocorreu um debate acalorado e apaixonado, onde foram destacados vários aspectos, mas me detenho em um que se tornou o mote para o passo futuro: o compromisso de Sebastião Salgado, a sua missão, é *revelar ao mundo o mundo*. Eis a síntese que impulsionou uma nova *práxis de sensibilidades*.

Transcrevo o texto que foi publicizado a fim de orientar a jornada discente: “Tenho certeza que todos que assistiram o documentário do Sebastião Salgado estão com um olhar diferente para o instante fotográfico, para o que há de expressivo e poético na captura do real. É com esse olhar sutil de captura do singular e com essa emoção despertada que gostaria que se lançassem na pesquisa fotográfica que tem como recorte conceitual a síntese do MUNDO, ou seja, a imagem fotográfica deve expressar o que cada um entende por esse conceito, por essa experiência que nos atravessa cotidianamente. Estejam com um olhar atento e afiado para a captura desse instante, também gostaria que fosse entregue a narrativa de descoberta e registro da imagem e o sentido que ela produz para cada um de vocês em diálogo com o tema sugerido. Percebam que a narrativa não é algo descritivo, mas revelador de um processo e de questões postas no âmbito da subjetividade. Recordem da fala/narrativa de Sebastião Salgado sobre o seu processo criador, os aspectos velados que habitam cada fotografia e que ganham luminosidade na sua narrativa, que é, sobretudo, uma experiência com o lugar e com as pessoas. Pensem a síntese filosoficamente: é uma composição ou reunião das diversas partes de um todo em uma unidade. Não usem fotografias de arquivo, pensem e capturem a imagem para esse exercício que é, sobretudo, uma *práxis de sensibilidades*. Não economizem na narrativa, deixem aflorar os sentidos. Também não esqueçam que forma e conteúdo caminham juntos. Desejo a todos um despertar profundo do olhar!”.

Ainda, antes de adentrarmos nessa experiência sensível, as narrativas escritas e imagéticas, que nomeio de *narrativimagens*,<sup>4</sup> apresentam uma diversidade enorme de olhares e capturas simbólicas do mundo. São lentes que se lançaram no registro do extraordinário que habita o comum, o particular e o microscópico e, ao invés de costurá-las com as intervenções teóricas dos pensadores que nos guiam nesse cortejo de ideias, apresento-as em bloco, pois acredito que asseguro a unidade poética de um pensamento e o impacto de uma práxis que se vincula a uma opção ética e político-pedagógica provisória e defensora de pensar espaços e tempos no interior de outra perspectiva epistemológica que possa revelar mais de nós mesmos e de formas diversas.

O Projeto Arqueologia de Saberes, Imagens e Afetos se inspira livremente na proposta metodológica e pedagógica formulada pelo colombiano Orlando Fals Borda: *Pesquisa-Ação Participativa* (IAP). Os fundamentos que regem a IAP e se entrelaçam ao referido projeto são: realizar esforços coletivos de indagação científica nos quais se aplicam princípios gerais de observação e inferência; recuperar e reinterpretar a história esquecida ou tergiversada; valorizar as raízes, incorporando e reinterpretando elementos da cultura das classes populares e do saber cotidianos, da arte e da ciência popular; e unir o elemento sensível ao inteligível. É uma metodologia que se constrói no acontecimento, se estrutura no frígir do encontro com o cotidiano e na expressão da sua imponderabilidade, no compromisso com as vozes que transitam por esse espaço e tempo. Vozes estas que amplificam e encarnam outras vozes.

---

<sup>4</sup> As narrativas discentes, em itálico e nomeadas em negrito, ferem, em alguns momentos, a norma culta da língua portuguesa, apresentam aspas em expressões ou em períodos completos e por vezes palavras estão em caixa alta, o que demonstra a apropriação da língua de uma forma espontânea e coloquial, também cabe destacar que não foram editadas ou revisadas pelo autor do artigo, preservou-se a natureza singular e a expressão da palavra escrita discente. Da mesma forma, o registro imagético não sofreu edição e a seleção foi uma prerrogativa do discente.

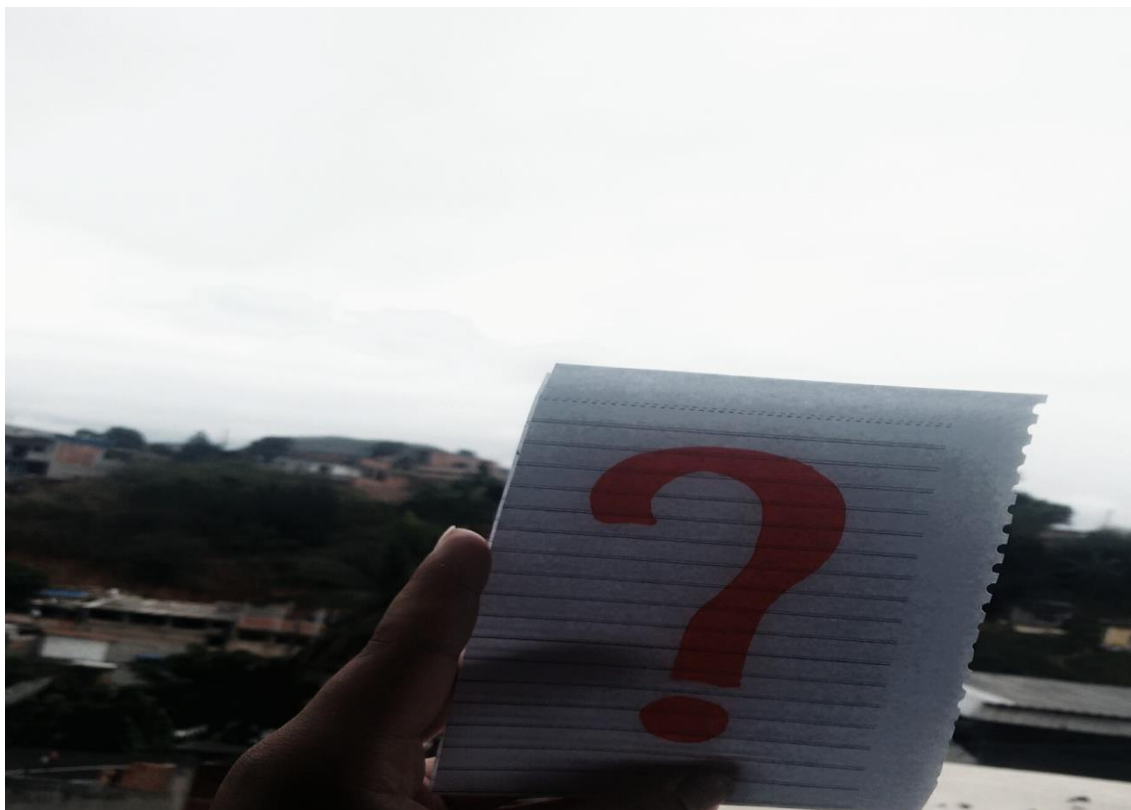
### **As narrativimagens**

*As Lentes que eu vejo – Fico imaginando qual o sentido mais importante que um homem pode ter. Certamente a resposta pode ser o olfato, que pode provocar as mais diferentes reações no indivíduo. Pode ser também o toque, onde o indivíduo pode ser acariciado ou golpeado por quem está a sua volta.*



*Há também o paladar, que ressalta do gosto de estar vivo e poder interagir com o mundo e até mesmo em uma cena alegoria fazer esse mundo parte do corpo. Apesar de os sentidos, nenhum deles consegue ter todas as sensações possíveis com um único sentido. Você pode ter água na boca quando olha um alimento, você pode ver um cobertor e imaginar, ou até mesmo quase sentir o toque que ele faria na pele. Você também pode com a imagem de um perfume imaginar o encontro do olfato. Entretanto a miopia me obriga a utilizar os óculos, tornando assim uma ferramenta importante para que eu possa interagir mais intimamente com o mundo. Sendo que essa interação é construída por mim. Visualizo o mundo, seleciono objetos e leio poesias e descubro o outro. Logo os óculos é uma parte do mundo, na qual dentro de uma fotografia tento sintetizar o que seria o mundo, mas ao mesmo tempo me descobrindo e descobrindo-me cresço e sinto. (Vinicius Sena do Nascimento)*

*É muito difícil “definir” o que é o mundo. Usar apenas uma foto para uma coisa tão grande e inconstante é quase impossível. Quando parei para pensar e tirar uma (única) foto que conseguisse transmitir e abranger tudo o que sinto quando penso em mundo, tive a ideia dessa fotografia.*



*Tentei pensar menos e apenas capturar um momento que pudesse caracterizar o que penso, mas não consegui. Como disse no começo, o mundo passa por mudanças a todo instante e por isso não poderia ser expressado em uma fotografia que não essa. Ao mesmo tempo sinto milhares de sentimentos quando penso nele, ainda é uma coisa incompreensível. Vejo o mundo como um grande ponto de interrogação, a todo momento sou surpreendida com novas informações e acontecimentos, acredito que existam muitas coisas que eu nem se quer imagino que existem, que eu nunca terei a chance de ter algum contato. Então o mundo para mim é isso, é incerteza e transformação e não vejo isso como uma coisa ruim, pois essas mudanças são essenciais para vivermos em constante evolução. (Ágatha Nascimento Marques)*

*“Um fotógrafo é alguém que literalmente desenha a luz, que desenha o mundo com luzes e sombras.” Não sou profissional em fotografia mas tenho um carinho especial por isto.*

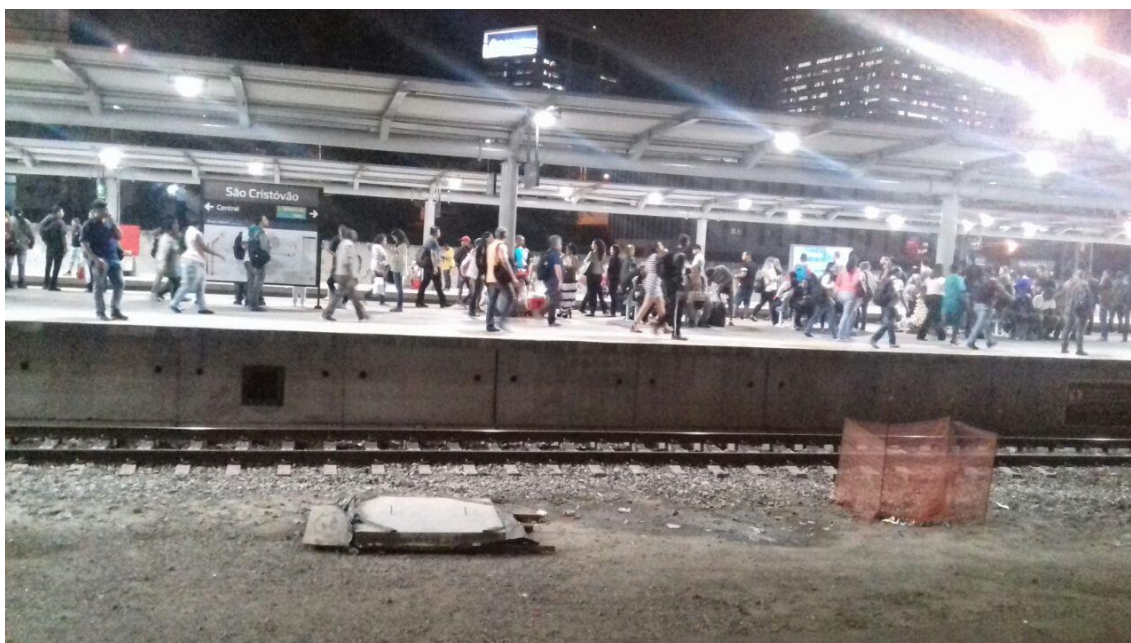


*Creio que a foto sintetiza o que é o mundo, repleto de contrastes, onde a natureza e o mundo estão a conviver e a se modificar com o passar do tempo. Através do singelo olhar fotográfico pude tentar retratar o que vejo todos os dias. Em cada pequeno elemento da imagem imagino que existam grandes histórias. Dentro de cada casinha, em cada árvore, cada planta, na montanha, no céu há inúmeras vidas, cada uma com sua rotina. E ah! Pessoas, que estão, cada uma a sua maneira, construindo um mundo que pode ser diferente, em que todas as coisas vivas possam conviver de forma saudável, sim, é uma possibilidade. É preciso não perder a esperança nisto. Esta foto é do que vejo todos os dias, da varanda de casa. Nela existem, não de forma explícita, conexões da humanidade consigo própria com o mundo ao seu redor, com tudo que nela habita. Procurei direcionar meu olhar e foi este o resultado. (Thayná Rodrigues Leocadio)*

*A estação, os vagões do trem e seus valores – O trem passou a ser o meio de transporte utilizado por mim todos os dias e por isso comecei a observar o comportamento naquele local. Todos os dias vejo pessoas indo de um lado para o outro, entrando e*



*saindo dos vagões e todas sempre apressadas. Os dias têm sido corridos, as estações sempre cheias de gente, mas cada um ali não é apenas um número e sim uma história. Passei a perceber que há muitas histórias, se cada um contasse um pouquinho de si, certamente teríamos muito a ouvir, aprender e até mesmo nos emocionar.*



*Por ali passam histórias de dor, de amor, sucesso, superação, entre outras. Existem aqueles que ganham seu sustento e mantêm suas famílias vendendo todo tipo de mercadoria, o que vale é a criatividade, vendem no grito, precisam anunciar o que estão vendendo e fazem isso aos berros, insistindo até que alguém resolva comprar, a experiência ali mostra o poder de convencimento. Chama a minha atenção que não identifique mal humor, apesar do suor e das caixas pesadas são divertidos e conseguem até arrancar sorrisos das outras pessoas que muitas vezes estão de caras fechadas, irritadas e estressadas. O que me pergunto é: Será que gostam de está ali ou não tiveram outra oportunidade? Ou talvez, já que não tiveram outra oportunidade, aprenderam a gostar do que fazem. Quando o trem para, as pessoas se espremem, se empurram na disputa de um lugar para sentar e mesmo sabendo que não há lugar nos vagões, elas entram correndo, sempre cabe mais um e quando parece não ter mais espaço lá dentro, as pessoas se ajudam se empurrando na tentativa de fazer caber todos. No início me assustava um pouco, confesso, mas agora eu entendo, apesar de*

*não concordar, que essa é uma forma solidária de uns com os outros, pois o que importa é entrar e chegar cada um em seu local de destino, porque apesar do aperto, a maioria das pessoas estará de volta no dia seguinte. É possível observar todo tipo de pessoa e de problemas, por exemplo, a falta de infraestrutura, falta de qualidade no serviço e alguns mal-educados que contribuem com a sujeira, jogando lixo no chão da estação ou dentro dos vagões, tem aqueles que não deixam as portas do trem fechar e arriscam suas vidas quase que pendurados para o lado de fora. Na minha concepção essas estações representam a luta diária sofrida por diversas pessoas que tentam buscar seu espaço neste mundo competitivo onde cada um busca por um pouquinho de dignidade, com a esperança de obter resultados favoráveis, que lhes permitam mais tranquilidade na vida. (Alana Mendes Carlim dos Santos)*



*O mundo para mim através da foto representa o sentido de destruição causada pela ação humana, mas que apesar de tudo não conseguiu destruir por completo a sua parte bela. O homem “ser racional” ao contrário do animal “ser irracional” gera na sua passagem violência, desigualdade e destruição, e no mundo em que vivemos ela está presente desde o seu surgimento, sendo representado na foto pelo fundo que é uma calçada. Entretanto apesar de séculos vivendo dessa maneira, os atos de solidariedade, altruísmo e sentimentos bons resistem, felizmente, na maioria dos seres humanos de*

*uma forma delicada, bela e germinável como uma flor. (Catharine da Silva de Oliveira Guedes)*

*Sonhos e a Realidade – Minha foto expressa a luta do trabalhador no seu dia a dia. Lembrei da minha antiga trajetória quando preciso pegar o trem para chegar ao centro diariamente. Acordava às 4h da manhã para pegar o trem e ir ao trabalho. Passava muitas horas no transporte público e chegava às 7h para pegar no batente. A vida de quem mora na Baixada e trabalha no centro é muito dura.*



*Saía às 17h e ia para o colégio fazer o 2º grau. Chegava às 10h da noite muito cansado, mas precisava comer e dormir para recomeçar tudo no outro dia. Resolvi tirar essa foto para mostrar o contraste entre duas realidades. Um grupo de pessoas com seus sonhos e ambições e outros com sonhos, mas sem a perspectiva de lutar para realizá-los. Essa foto representa o sonho das pessoas, a luta diária do trabalhador, a esperança, as oportunidades, a falta de oportunidades ou a dificuldade para poder consegui-las, diferentes pessoas, diferentes realidades, enfim, a diversidade. (Eduardo Soares da Costa)*

*Acredito ser prática demais para conseguir fotografar algo e a partir daquela fotografia conseguir definir “O Mundo”. Admito que foi tarefa difícil sintetizar em uma única foto algo tal grandioso e, para mim, tão abstrato. Antes de começar a busca pela*

*FOTO gastei alguns bons momentos de reflexão sobre o tema proposto e sobre com que imagem sentiria que minhas ideias seriam satisfeitas. Num desses momentos de reflexão sobre o tema estava passando por uma praça, para mim não apenas uma praça qualquer, mas uma praça que é cheia de boas recordações da minha família e dos meus amigos, de momentos recheados de sentimento e saudosismo. Todos os dias quando estou caminhando em direção à estação de trem para vir pra faculdade passo por essa praça, e as centenas de pássaros que naquelas árvores habitam e que logo pela manhã cantam e voam de uma árvore para outra têm o incrível poder de me levar para um outro lugar e me afastar dos problemas e preocupações. Aquele canto e o movimento das aves me levam pra um lugar que é só meu, o MEU MUNDO. Essa poderia ser minha narrativa e essa poderia ser minha foto, mas por algum motivo ela não se encaixava no que eu queria dizer ou mostrar. Sendo assim, no mesmo momento que cheguei a essa conclusão a rejeitei. Não era isso. Em algum momento, quando não me esforçava para pensar sobre a fotografia que deveria fazer ou sobre a minha definição de mundo, me veio a ideia, na verdade a certeza, de que um formigueiro seria minha foto perfeita e que ele seria capaz de definir o que penso sobre o mundo. E onde tiraria a tal foto? Exatamente lá, naquela praça e nada seria mais significativo. Então, entre reparar os pássaros e o seu canto majestoso comecei a reparar também o chão. Sabia que lá havia vários formigueiros enormes que dariam uma boa foto, mas para minha decepção o exército que é responsável pelo espaço parecia ter tirado todos os formigueiros. Assim começou a SAGA DO FORMIGUEIRO. Comecei a observar todos os lugares que pudessem ter um formigueiro como aquele que eu imaginava. E nessa empreitada, decidi ir à Quinta da Boa Vista, mas só pude um dia antes daquele marcado para entrega. Fui acompanhada de outra aluna da turma, Daniele, foi uma experiência maravilhosa, várias fotos lindas, bom papo, mas nada de formigueiro. Decidimos pedir informação para um funcionário da COMLURB que fazia limpeza da Quinta e ele me informou que lá do outro lado do parque eu acharia o “meu formigueiro”. Depois de alguns minutos de caminhada e mais outras várias fotos de árvores, céu e lago chegamos ao tal lugar. Procuramos, procuramos e só achamos formigueiros que na minha definição frustrada do momento “pareciam um monte de*

*terra jogada sobre a grama". Fui pra casa desolada e disposta a contar uma história triste no dia seguinte, porque naquele momento, eu não seria capaz de montar uma narrativa sobre outra fotografia que não fosse a de um formigueiro.*



*No dia seguinte, segui pelo mesmo caminho de sempre e num relance o vi lá, majestoso, exatamente do jeito que eu havia imaginado, e eu não podia acreditar. Corri para a entrada da praça e perguntei a um soldado que fazia a segurança se ele sabia se realmente aquilo era um formigueiro. Ele me disse que não sabia e que eu poderia ir lá ver. Quando olhei e percebi que era realmente o que eu queria, foi uma explosão de alegria. Na minha definição de mundo não há distinções, estamos todos juntos aqui e por isso sempre somos todos responsáveis pelo que de bom ou ruim possa vir a acontecer, tanto com as pessoas quanto com o espaço que habitamos. No que acredito sobre o mundo, todas as pessoas e seres que nele habitam trabalham em comunhão para o bem-estar de todos. Assim como acontece com as formigas no formigueiro, cada formiga possui sua função e contribui para o sustento e bem-estar da vida no formigueiro. O grande objetivo não é individual, mas o bem de todos os indivíduos e a sobrevivência do Mundo em que vivem. Esse é o Mundo para mim, como nesse formigueiro. Um formigueiro que diz sobre a minha definição de Mundo e está lá,*

*bem na praça que tem o poder de me conectar com o meu mundo e com as minhas mais felizes lembranças.* (Rowena da Silva Coutinho)

### **Breves cruzamentos: Benjamin e Freire**

No artigo “A Importância do Ato de Ler”, apresentado na abertura do Congresso Brasileiro de Letras, em Campinas, no ano de 1981, Freire (2011) revisita suas reminiscências infantis, tal como Benjamin (1989) também o faz em “Infância em Berlim por volta de 1900”, e escreve que “a leitura do mundo precede a leitura da palavra” (2011, p. 19), apontando que a compreensão crítica do ato de ler a palavra escrita não tem o seu fim em si mesmo, mas se antepõe e se prolonga na apropriação inteligente que se faz do mundo, ou seja, no embrião da experiência alfabetizadora está o mundo.

Refiro-me a que a leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquele. Na proposta a que me referi acima, este movimento do mundo à palavra e da palavra ao mundo está sempre presente. Movimento em que a palavra dita flui do mundo mesmo através da leitura que dele fazemos. De alguma maneira, porém, podemos ir mais longe e dizer que a leitura da palavra não é apenas precedida pela leitura do mundo, mas por uma certa forma de “escrevê-lo” ou “reescrevê-lo”, quer dizer, de transformá-lo através de nossa prática consciente. (FREIRE, 2011, p. 29-30)

*Narrativimagem* parte desse pressuposto freireano que apresenta o mundo como matriz para o exercício de uma leitura e de uma escriturística em que o processo de criação e compreensão crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto. É através e com Freire que se aponta uma alfabetização do olhar que não

tem apenas a História da Arte como suporte didático a fim de extrair enunciados críticos no espaço do ensino da arte em um curso de formação inicial de professores, mas compreender que existe uma palheta de cores igualmente complexa, intrigante e multifacetada que está aqui e diante do nosso sistema sensorial. A aprendizagem para a construção do sujeito emancipado, seguindo Freire, necessita da unidade dialética consciência e mundo, teoria e prática e subjetividade e objetividade. Ainda, cabe lembrar que no Período Paleolítico, também conhecido como Idade da Pedra Lascada, o despertar do pensamento criador se manifestava, entre outras expressões, de uma inteligência ainda em seu estado bruto, mas, principalmente, através da produção pictórica. Ali, no recôndito da caverna, o *homo sapiens* pintava em suas paredes um conteúdo mágico que espelhava o nascimento de uma identidade e a leitura que fazia do mundo.

O esforço de Freire e Benjamin é criar alternativas teóricas que autorizem vir à tona outras narrações porque a história, tal como se configura na atual cartografia, é a canonização do ponto de vista do projeto moderno, uma espécie de “beatificação” dos vencedores, restando aos vencidos o caos, a catástrofe, a ruptura e o silenciamento. Benjamin (1994) execra a história universal que se revela como o eterno retorno do mesmo em uma temporalidade vazia. É uma fantasmagoria dos vencedores. A pobreza da experiência à qual se refere Benjamin, em vários de seus ensaios, não é apenas privada, mas de toda a humanidade. Há a consciência de fazer explodir o *continuum* da história através da experiência como a concebe o filósofo berlinense. Tanto Freire quanto Benjamin indicam para percursos promovedores das emancipações epistemológicas.

O recorte sensível do projeto *Lentes do Mundo: narrativimagens* se afirma expondo a fissura do mundo, revirando escombros e reunindo fragmentos com o objetivo de criar o acontecimento que constrói a experiência no espaço-tempo da educação. O inacabamento e o fragmento são semblantes do pensamento de Benjamin que escapa a qualquer sentido absoluto e/ou totalizante, assim como o é *Lentes do Mundo*. O sentido está pleno de possibilidades. Compreender a arte é perceber que ali se encontra uma forma que configura uma linguagem. Benjamin é um

filósofo da cultura e confere à linguagem uma dimensão mágica e poética, e a arte, para o filósofo marxista, é a expressão da verdade, e o conhecimento é uma construção. Não há o inteligível sem a presença e atuação do sensível, da mesma forma que também não há pensamento sem linguagem. Desenhar um diálogo com e entre Benjamin e Freire nasce de uma aposta em um caminho, nasce de uma realidade que pergunta e que também busca respostas.

### **Um epílogo possível**

Walter Benjamin e Paulo Freire, portanto, são dois pensadores que conferem à linguagem uma dimensão mágica e poética de encontro e revelação do mundo. No artigo em que é apresentada a tese de que a leitura do mundo precede a leitura da palavra, Freire (2011) se aproxima da filosofia da linguagem dos primeiros românticos alemães (Friedrich Schlegel, Novalis), que Benjamin incorporou e enriqueceu. Intencionar essa aproximação teórica e poética é, em certa medida, ampliar os sentidos da educação em Freire, um pensador dos países do Sul, na companhia de um filósofo europeu que teve a coragem de denunciar e romper com o projeto moderno, um pensador que no seu último escrito, em 1940, denunciou: “Nunca houve um monumento da cultura que não fosse também um monumento da barbárie” (1994, p. 225).

### **Referências**

ALVES, Nilda. *Sobre as razões das pesquisas nos/dos/com os cotidianos*. In: GARCIA, R. L. (org.). *Diálogos cotidianos*. Petrópolis: DPetAlii, 2010.

BENJAMIN, Walter. *A Origem do drama barroco alemão*. Trad. S. P. Rouanet. São Paulo: Editora Brasiliense, 1984.



\_\_\_\_\_. *Obras Escolhidas*. Trad. S. P. Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994, v.1.

\_\_\_\_\_. *Obras Escolhidas*. Trad. R. Rodrigues Torres Filho e J. C. Martins Barbosa. São Paulo: Brasiliense, 1987, v.2

\_\_\_\_\_. *Obras Escolhidas*. Trad. H. Alves Baptista. São Paulo: Brasiliense, 1989, v.3.

\_\_\_\_\_. *Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação*. São Paulo: Editora 34, 2002.

BORDA, Orlando Fals. *Pesquisa-Ação, Ciência e Educação Popular nos Anos 90*. In STRECK, Danilo R. (org.). *Fontes da Pedagogia Latino-Americana: uma antologia*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

D'ANGELO, Martha. *Arte, política e educação em Walter Benjamin*. São Paulo: Edições Loyola, 2006.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Esperança*. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

\_\_\_\_\_. *Liberdade Cultural na América Latina*. STRECK, Danilo R. (org.). *Fontes da Pedagogia Latino-Americana: uma antologia*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

\_\_\_\_\_. *A Importância do Ato de Ler: em três artigos que se completam*. São Paulo: Editora Cortez, 2011.

KRAMER, Sonia. *Educação a contrapelo*. In: JOBIM e SOUZA, Solange e KRAMER, Sonia (Org.). *Política, Cidade e Educação: itinerários de Walter Benjamin*. Rio de Janeiro: Contraponto e Editora PUC-Rio, 2009.

OLIVEIRA, I. B.; GERALDI, W. *Narrativas: outros conhecimentos, outras formas de expressão*. In: OLIVEIRA, I. B. (org.). Petrópolis: DPetAlii, 2010.

Data de envio: 15 de Setembro de 2017

Data de aceite: 9 de Novembro de 2017